

Simone Weil

- Actualidade de uma estranha mística para os nossos estranhos tempos*

Parece-me impossível imaginar um renascer para a Europa que não tenha em conta as exigências definidas por Simone Weil.

Albert Camus, 1949, citado em *Espera de Deus*, p.9

1. De quem falamos? Breve nota de contextualização biográfica

No início do corrente ano, mais precisamente a 3 de Fevereiro, celebrou-se o centenário do nascimento de Simone Weil, parisiense, de ascendência judia, tanto pelo lado materno como paterno. A sua infância desenvolveu-se num ambiente familiar culto e desafogado do ponto de vista económico. O seu pai era médico.

Simone revelou, desde cedo, grande capacidade intelectual, ainda que, de algum modo, subestimada no confronto com o seu irmão, 4 anos mais velho. Nos seus escritos refere este facto como tendo pesado na sua baixa auto-estima.

O ambiente em que cresceu era agnóstico e, embora de ascendência judia, sem referências a práticas da religião judaica. Como ela própria diz, nunca entrou numa sinagoga. Também enquanto criança e adolescente não se cruzou com o cristianismo. Isso viria a acontecer mais tarde, já quando era adulta e em condições muito especiais, como veremos.

Faz o curso de filosofia na prestigiada Sorbonne e a sua perspicácia intelectual não passa despercebida aos seus professores, em particular ao Prof. Alain, nome de referência na escola francesa da filosofia da percepção, criada na esteira de Kant e Descartes. Simone é a primeira a reconhecer a grande influência que o Mestre teria no seu filosofar bem como na construção da sua própria personalidade. A ele julga dever ideias chave como a teoria do conhecimento moral e religioso, a moralidade e o sacrifício, a aceitação da dor, a fidelidade e o compromisso consigo mesma, o valor da atenção, a relação entre pensamento e acção.

É já como estudante universitária que começa a interessar-se pelo cristianismo e o catolicismo. É também nesta etapa da sua vida que se expande o seu sentido inconformista com tradições e normas sociais do seu tempo, o que lhe valeu a imagem de mau feitio e estranha personalidade.

Obtida a agregação como professora do ensino secundário por alguns anos dedica-se à educação, mas o seu espírito inconformista leva-a a ir ao encontro de outras realidades onde possa estar mais próxima dos explorados. Faz-se operária fabril na Renault, e aí vive a condição das trabalhadoras manuais, de 1933 a 1935. Uma experiência dura que a leva a escrever um diário sobre a vida operária, *La condition ouvrière* (1950). Mais tarde, em 1939, regressará à experiência do trabalho manual, desta vez em meio agrícola e pela mão de um amigo Gustavo Thibon. Simone que, por condição social do seu meio familiar, pertence à burguesia parisiense culta, vai, livremente e por opção consciente, ao encontro da miséria mais atroz, acreditando que, através dessas experiências e da reflexão teórica sobre elas, poderia reconstituir dignidade do ser humano explorado e denunciar um sistema industrial opressivo que, no seu entender, deveria evoluir mediante a adopção de novas tecnologias menos penosas e relações industriais mais justas.

* Apresentação feita no Encontro promovido pela Comunidade de Meditação Cristã, em 20 Junho 2009.

Estava-se no período entre as duas guerras. Simone vive os tempos difíceis do avanço do nazismo.

No período da Guerra de 1914-18, Simone é ainda criança mas conheceu a devastação deixada pela guerra e aprendeu a prestar assistência às suas vítimas, no período subsequente ao conflito e à crise mundial que lhe sucedeu. É, porém, a II Guerra Mundial que jogará um papel preponderante na orientação da sua vida.

Simone Weil opõe-se à guerra e pronuncia-se abertamente contra o colonialismo francês e a favor do desarmamento, posições de inconformismo que se irá reflectir na sua carreira profissional no ensino.

À medida que vai crescendo a onda de perseguição aos judeus no centro da Europa, a família Weil sente-se ameaçada e vê-se forçada a sair de Paris em Maio de 1942 para vir a refugiar-se nos Estados Unidos. Simone hesita mas acaba por acompanhar a família; porém, os seus projectos de maior empenhamento em favor da libertação nazi não a reterão por muito tempo no continente americano. É assim que, no mesmo ano, deixa os Estados Unidos e vem juntar-se à resistência em Londres e é aí que vem a morrer com 34 anos apenas, vítima de tuberculose e exaustão emocional e física.

Morre num sanatório dos arredores de Londres, em solidão, no dia 24 Agosto 1943, sem conhecer o termo da guerra que só viria a acontecer dois anos mais tarde.

Deixa atrás de si uma vida fecunda em pensamento e em acção.

É depois da sua morte que os seus escritos ganham maior projecção, graças ao empenho dos amigos que a conheceram de perto. Estou a pensar, nomeadamente, em alguns exemplos: S. Pétrement, *La vie de Simone Weil*, Paris, Fayard, 1973, 2 vol.; o livro de Gustave Thibon et J-M Perrin, *Simonne Weil telle que nous l'avons connue*, Paris, La Colombe, 1952; e, ainda, a obra muito especial organizada pelo Padre Joseph-Marie Perrin, que foi seu confidente e guia espiritual, *Mon dialogue avec Simone Weil*, editada a partir da correspondência trocada entre ambos.

Simone deixa inúmeros textos de sua autoria, dos quais destaco: “*Attente de Dieu*”, *La pesanteur et la grâce*, *L'enracinement*, *La source grecque*, com traduções em várias línguas.

2. O percurso espiritual de Simone Weil

Debrucemo-nos agora sobre o percurso espiritual de Simone Weil. A tarefa está facilitada na medida em que a própria assinala as marcas principais desse seu estranho caminho.

A filosofia na escola de Alain tinha, de algum modo, despertado a curiosidade intelectual da jovem estudante da Sorbonne pela religião e, em particular, pelo catolicismo. Uma curiosidade intelectual que conduz a jovem filósofa ao encontro de alguns autores, talvez uma preparação, ainda que muito remota, no encontro da fé e no seu caminho místico.

O primeiro marco do seu percurso místico ocorre em Portugal., durante uma procissão em Matosinhos. Simone viera com os pais à procura de repouso e alguma recuperação da sua saúde muito debilitada pela dureza de dois anos de trabalho fabril. É, certamente, ainda a vivência da condição operária e da opressão dos trabalhadores que, nesses dias, ocupa o seu espírito. Observando os pescadores e escutando os seus cânticos, durante uma procissão, Simone descobre que o cristianismo é a religião dos pobres e dos oprimidos e é com esses que quer identificar-se. Em *Espera de Deus*, escreve a propósito desta experiência fundadora:

Aí tive subitamente a certeza de que o cristianismo é por excelência a religião dos escravos, a que os escravos não podem senão aderir e eu entre outros.

Esta primeira experiência vai indiscutivelmente marcar o seu itinerário espiritual.

O segundo marco a assinalar reporta-se a uma sua visita a Assis em 1937, quando se encontra na capela romana de Santa Maria degli Angeli, o lugar onde São Francisco rezou. Confessa que sentiu algo superior a si mesma que a obrigou a ajoelhar-se pela primeira vez na sua vida.

O terceiro momento viveu-o no Mosteiro beneditino de Solesme durante a Semana Santa de 1938. Então, foi a beleza do canto gregoriano e de toda a liturgia que a tomou e foi, sobretudo, o encontro pessoal com o Cristo crucificado que iria marcar o resto da sua vida. Como ela própria revela: *o pensamento da paixão de Cristo entrou em mim de uma vez por todas.* É também em Solesmes que, por intermédio de um jovem inglês que lá se encontrava, conhece um poema metafísico do século XVII de George Herbert sobre o Amor. Recitava-o como poesia, mas aos poucos percebeu que tinha feito do poema a sua oração.

Numa dessas ocasiões, em Novembro de 1938, vive uma experiência mística profunda descrita nestes termos: (...) *sentí, sem estar de maneira alguma preparada, porque nunca tinha lido os místicos, uma presença mais pessoal, mais certa, mais real que a de um ser humano... No instante em que Cristo se apoderou de mim, nem os sentidos, nem a imaginação tiveram parte alguma; senti somente através do sofrimento a presença de um amor semelhante ao que se lê no sorriso de um rosto amado* (A espera de Deus, p.62)

Foi também durante uma dessas repetidas recitações do poema de Herbert que, segundo ela conta, *o próprio Cristo desceu e me tomou.* (Espera de Deus, p.62)

Simone Weil reconhece nestas experiências místicas uma vocação particular, a sua, situada no cruzamento entre o que é cristão e o que não é. Discernir uma tal fronteira foi uma interrogação que a acompanhou até ao fim da sua vida. Como ela própria escreve: *numa época em que grande parte da Humanidade vive submergida pelo materialismo, não desejará Deus que haja homens e mulheres que se entreguem a Ele e a Cristo e que, todavia, permaneçam fora da Igreja?* (Espera de Deus, p. 39).

Parece que à hora da sua morte Simone Weil terá pedido o baptismo e que este lhe foi conferido por uma sua amiga. Sabemos, porém, através de uma longa carta que escreveu ao Padre Joseph-Marie Perrin, nas vésperas da sua partida para o exílio, que entrar explicitamente na Igreja católica através do baptismo foi para ela uma questão dolorosa por muito tempo. Não só Simone Weil tinha dificuldade em aceitar a expressão institucional da Igreja católica como se sentia interpelada a habitar, com idêntica verdade e coerência, os dois mundos, de crentes e de não-crentes, uma vocação de intersecção a que se sentia chamada.

Pelo que nos é dado conhecer, através dos seus biógrafos, estamos diante de uma estranha mística, mas, seguramente, alguém que realiza uma “viagem secreta” na busca do *Deus absconditus* que dá sentido à existência de uma particular vida humana e a leva a partilhar, de maneira profunda e misteriosa, o sofrimento dos explorados e oprimidos deste mundo, unindo o seu próprio sofrimento ao da Paixão de Cristo e aspirando profundamente a configurar-se com o Crucificado.

O seu itinerário espiritual deixou-a talvez aquém da manhã de Páscoa e da fé na presença gloriosa do Ressuscitado.

3. Eixos da mística weiliana

Vejam agora alguns dos eixos mais característicos da mística weiliana e aprendamos as lições que tem para transmitir ao nosso estranho tempo, cada vez mais envolto por uma nuvem de materialismo, impregnado por critérios de eficácia e em situação de manifesto déficit de horizontes de sentido de vida e de futuro.

A atenção ao real e o enraizamento

A atenção é para Simone Weil o alicerce da sua vida espiritual e está na origem da verdadeira criatividade humana.

A atenção surge na mística weiliana como um modo de ser, uma postura de vigilância e de escuta. Por isso não surpreende que escreva: *A atenção, no seu mais alto grau, é a mesma coisa do que a oração. (La pesanteur et la grâce, p. 191)*. Com esta afirmação, Simone Weil quer referir uma forma de oração que atravessa o fundo do ser em permanência, estabelecendo a ponte entre o visível e o invisível, o humano e o divino, o vazio e a busca de sentido.

Dar atenção ao real supõe que a pessoa se esvazie de si própria, do seu eu egoísta, para dar lugar ao outro e o acolher na sua alteridade num processo de criação de bem maior.

A atenção, mais do que a vontade, constitui para Simone Weil o caminho da mística. *...tudo o que eu chamo “eu” deve ser passivo. Só a atenção, uma atenção tão plena que o “eu” desapareça, me é pedida. (La pesanteur et la grâce, p. 194)*.

A atenção no sentido weiliano vai de par com o enraizamento, com o que tal comporta de assumir como suas as necessidades do tempo presente e procurar-lhes respostas que implicarão a própria vida..

A compaixão e o serviço

A atenção ao real move o ser humano ao reconhecimento do sofrimento como parte integrante da vida e a desenvolver sentimentos de compaixão para com quem sofre.

Mesmo a experiência da alegria abre caminho ao encontro do sofrimento, como privação e vazio. *É preciso ter tido a alegria da revelação da realidade para encontrar a realidade do sofrimento. De outro modo, a vida não é senão um sonho, mais ou menos mau.* Recorde-se aqui a estreita unidade entre a reflexão teórica e a experiência vivencial de quem voluntariamente se privava dos seus talões de racionamento para os entregar aos mais necessitados ou se sentava à mesa dos miseráveis para partilhar a sua sorte, querendo, com a sua presença, atestar a dignidade humana daqueles homens e mulheres.

Simone Weil desenvolveu uma mística que, assentando alicerces na atenção ao real e no enraizamento, apela à compaixão e ao serviço do próximo, atitudes espirituais tão necessárias no nosso tempo, também ele demasiado áspero e cruel para com os mais fracos.

O amor e a vocação singular de cada pessoa

Em *La pesanteur et la grâce*, o capítulo intitulado Amor começa com esta frase intrigante: *o amor é um sinal da nossa miséria. Deus não pode amar senão a si. Nós não podemos amar senão outra coisa.* (p.120)

O que Simone Weil nos quer transmitir é que o nosso amor decorre do amor que Deus nos tem. E é por força deste amor que existe em nós a capacidade de nos amarmos a nós próprios, de amarmos a Deus e de amarmos os outros.

O verdadeiro amor está inscrito na vocação singular de cada ser humano. Pode ser negado ou apresentar-se desfigurado e deformado pelo ódio ou a vingança, pela avidez ou o desejo de posse, mas é o amor que move o ser humano a sair de si, a ultrapassar as barreiras dos seus limites e a realizar-se na sua singularidade enquanto pessoa.

O amor puro das criaturas é para Simone Weil *o amor que passou por Deus como pelo fogo. É o amor que se desprende completamente das criaturas para subir a Deus e daí descer associado ao amor criador de Deus.* (*La pesanteur et la grâce*, p.123). Podemos dizer que só o amor é criador e respeitador da alteridade.

A identificação com Cristo

Na apresentação que faz de “Espera de Deus”, José Pacheco Gonçalves escreve em síntese feliz: *Simone Weil encontra no Crucificado a chave do conhecimento, a via da verdade, a porta da alegria interior, que não a separa da massa dos desventurados de todos os tempos.* (Espera de Deus, Apresentação, p. 20). De facto, desde o seu primeiro encontro com o cristianismo que Simone se sente atraída pela pessoa de Cristo e o seu testemunho de doação total por amor da humanidade sofredora. O seu desejo é identificar-se com Deus, *“mas com Deus crucificado”* (*La pesanteur et la grâce*, p. 156).

É este um tema recorrente nas suas cartas ao seu confidente espiritual, o Padre Joseph-Marie Perrin. Serve de exemplo esta passagem da sua longa carta de despedida a caminho dos Estados Unidos. A propósito do Corpo místico de Cristo, de que muito se falava na época, Simone escreve: *a nossa verdadeira dignidade não é a de ser partes de um corpo, seja ele místico, seja ele o de Cristo. Consiste sim nisto, que no estado de perfeição, que é a vocação de cada um de nós, não vivemos mais em nós mesmos, mas que vive antes Cristo em nós; de modo que, através desse estado, Cristo na sua integridade, na sua unidade indivisível, vem a ser, de certa forma, cada um de nós, ...* (Espera de Deus, p.72-73).

A essência da coragem: perseverar na esperança

Ao longo da sua vida, Simone experimentou o risco, a infelicidade, o sofrimento pessoal e alheio, tanto por força das circunstâncias do tempo em que viveu, como também porque ela própria teve a ousadia de ir ao encontro das situações de injustiça e de violência, vivendo-as junto das suas vítimas e deixando-se tomar pela compaixão e pelo desejo de superar as causas geradoras da exploração e do sofrimento humano, impostos por condições sociais injustas.

A sua total entrega à busca da Verdade e, mais tarde, o seu percurso místico de identificação com Cristo e em particular com o Crucificado, em muitas circunstâncias, foram um desafio à sua coragem no meio da noite dos sentidos e da solidão em que passou os últimos anos da sua curta vida; mas esse foi também o cadinho em que se purificou a vontade e se fortaleceu a sua aposta na pura esperança.

No dizer de alguém: *A essência da coragem é, para Simone, perseverar na esperança, mesmo quando toda a análise racional seja para ela "quase" sem fundamento. Todo o mundo está suspenso nesse "quase".*

Mesmo quando se trata de discernir acerca da sua entrada na Igreja católica através do Baptismo, Simone receia que isso lhe traga a separação dos marginalizados *junto aos quais o amor de Deus se faz "quase" impossível, "... mais ausente que a luz numa cela tenebrosa."*

Simone prefere os caminhos da coragem e da esperança, perseverando na noite, a optar pela segurança das estruturas ou outras. Vive o “quase” com radicalidade à dimensão do seu imenso desejo de uma Humanidade onde reine a fraternidade e a justiça.

Contemplação e acção, duas faces de uma mesma vida

Para Simone Weil, contemplação e acção entrecruzam-se.

Através da contemplação, Simone aproxima-se do insondável mistério do amor de Deus, da encarnação deste amor nas suas criaturas, visível, de modo especial, em Jesus Cristo que dá a sua própria vida pela Humanidade e em redenção do sofrimento humano. Simone contempla a beleza do desígnio de Deus e como aquela é desfigurada pelo ódio, a ambição e a insensatez humanas. Faz sua a lamentação de Jesus sobre Jerusalém e a visão do Filho de Deus acerca da tragédia iminente do seu povo... Compara-a com o drama do seu tempo.

Todavia, Simone não pára diante das condições de injustiça que se vivem no meio operário dos anos 30 ou perante as desgraças provocadas pela guerra iniciada em 1939. Ela própria vai ao encontro do sofrimento humano e, amando com amor compassivo as suas vítimas, procura, com as suas capacidades intelectuais e outras, mudar o curso da história. Nem a sua debilidade física lhe serve de escusa e a detém.

Se a contemplação a move no sentido da acção, também a experiência que resulta do enraizamento que procura a impele a aprofundar na contemplação o sentido para o sofrimento humano.

É neste entrecruzar de vivências - contemplação-acção-contemplação - que Simone Weil aprofunda uma mística da kenose que se pode ilustrar com esta citação: *Ele esvaziou-se da sua divindade. Nós devemos esvaziar-nos da falsa divindade com a qual nascemos.*

Uma vez que tenhamos compreendido que nada somos, o fim de todos os nossos esforços é de nos tornarmos nada. É com este fim que sofremos com aceitação, é com este fim que agimos, é com este fim que rezamos.

Meu Deus, concede-me que me torne nada.

À medida que me torno nada, Deus ama-se através de mim. (La pesanteur et la grâce, p.84).

4. Uma lição de responsabilidade intelectual, moral e política de plena actualidade nos nossos estranhos tempos

É tempo de concluir esta apresentação, sublinhando a actualidade desta estranha mística para o nosso tempo.

Simone Weil foi uma militante activa nos combates pela justiça e a paz. A sua condição de intelectual não a fechou aos desafios do seu tempo. Bem pelo contrário, sentiu como sua vocação e responsabilidade pessoal desbravar caminhos para formas mais humanas de organizar a economia, a sociedade e a política. Dir-se-ia que procurava uma nova civilização, na sua linguagem, *uma civilização capaz de valer alguma coisa.*

Já próximo do termo da sua vida, dá forma a um documento que intitulou: prelúdio a uma declaração dos deveres para com o ser humano que viria a ser publicada a título póstumo por Camus com o título *L'enracinement.*

60 anos depois da sua morte continuam a ser verdadeiras as suas palavras: *Há, sobretudo, quatro obstáculos que nos separam de uma civilização capaz de valer alguma coisa: a nossa concepção de grandeza; a degradação do sentido de justiça; a nossa idolatria do dinheiro; e a ausência de inspiração religiosa.*

Como soam lúcidas e oportunas estas palavras!

A idolatria do dinheiro levou ao actual descalabro do sistema financeiro e, por arrastamento, à desintegração da economia e da organização da sociedade ocidental e democrática.

A ausência de religião e, de modo especial, a crescente desafiliação do cristianismo deixou um vazio no coração do ser humano que o torna, psicológica e espiritualmente, muito frágil, o que, por sua vez, abre as portas à enorme vulnerabilidade que caracteriza

a civilização e a cultura contemporâneas, a ponto de pesar sobre elas uma ameaça de destruição.

A justiça, enquanto critério que deve presidir a todas as relações sociais nas suas diversas expressões, não raro dá lugar ao pragmatismo e à busca desenfreada de pseudo-valores de produtividade e eficácia, ao favorecimento indevido de alguns e à corrupção larvar ou declarada de muitos.

São estranhos os tempos em que vivemos onde a ambição desmesurada faz perder a alma.

Penso que Simone Weil, se hoje vivesse, se deixaria impressionar pelos nossos estranhos tempos onde a riqueza se tem multiplicado vertiginosamente mas se tem concentrado, cada vez mais, nas mãos dos mais afluentes, deixando apenas algumas migalhas para a maioria da população do Globo, sempre seduzida esta por sucessivas miragens que não poderá alcançar de modo sustentável.

Adivinho que Simone Weil se preocuparia com a sorte de muitos trabalhadores que vêm terminados os seus contratos de trabalho, por vezes por mera vantagem oportunística dos donos do capital. Também, por certo, não deixaria de denunciar situações abusivas de ritmos de trabalho excessivo, défices de segurança e higiene dos locais de trabalho, precariedade imposta aos contratos e demais modalidades de desqualificação do trabalho humano, situações veiculadas acriticamente por uma globalização desregulada e ao serviço do maior lucro do capital.

A terminar, nada melhor do que uma síntese elaborada a partir da obra conjunta de G.Thibon et J-M Perrin, 1952, *Simone Weil telle que nous l'avons connue* em que os autores procuraram transmitir a imagem de “*uma pessoa tocada pela graça de Deus atraída pela Eucaristia e pela contemplação do crucificado, leitora atenta de São João da Cruz, aludindo com pudor mas nitidez a um inefável contacto com o divino que reveste as marcas de uma verdadeira experiência mística*” (Espera de Deus, Apresentação, p.13).

Não sem algum esforço parece estar hoje ultrapassado o dilema mística ou política. Simone Weil é um testemunho vivo de que é possível viver na unidade estas duas dimensões. A mística iluminava o seu envolvimento político e este transportava para a mística a densidade do sofrimento humano, sempre numa grande e rigorosa ascese no caminho da verdade em direcção a Deus.

Concluo com o poema de George Herbert no qual Simone encontrou inspiração:

O amor acolheu-me; mas a minha alma recuou

Culpada de pó e de pecado.

Porém, o Amor clarividente, vendo-me hesitar

Desde o primeiro instante,

Aproximou-se de mim, perguntando docemente

Se qualquer coisa me faltava.

“Um convidado, respondi, digno de estar aqui”

O amor disse: “Sê-lo-ás tu”.

Eu, o malvado, o ingrato? Ah, Amado meu

Que não posso olhar-te

O Amor tomou a minha mão e respondeu sorrindo:

“Quem fez estes olhos senão eu?”

É verdade, Senhor, mas sujei-os;

minha vergonha deve alcançar o que merece.

E não sabes, disse o Amor, quem tomou sobre si tomou a culpa?

- Meu Amado, então para algo servirei

Senta-te, disse o Amor, e prova das minhas iguarias”

Assim me sentei e comi.

(In *Espera de Deus*, p.61)

Referências

Simone Weil, *La pesanteur et la grâce*, Librairie Plon, 1947, 1988.

Idem, *L'enracinement* 1949

Idem, *Attente de Dieu* 1950 (preparada pelo Padre J-M. Perrin). Tradução portuguesa: *Espera de Deus*, Ed. Assírio & Alvim, 2005

Idem, *La source grecque*, 1953. Tradução portuguesa: *A fonte grega*, Ed. Cotovia, 2006.

Idem, *À porta do farol faz escuro*. Ed. AO, Braga, 1991.

Emmanuel Gabellieri, Simone Weil. Ed Ellipses, 2001.

Joseph-Marie Perrin – *Mon dialogue avec Simone Weil*. Ed. Nouvelle Cité, 1989.

Robert Chenavier, Simone Weil. *L'attention au réel*. Ed. Michalon, 2009-06-08